

# Pequenas e grandes escolhas

FREUD UMA VEZ RECEBEU CARTA DE UM CONHECIDO QUE LHE PEDIA CONSELHOS DIANTE DE UMA ESCOLHA IMPORTANTE DA VIDA. A RESPOSTA DE FREUD É SURPREENDENTE: PARA AS DECISÕES POUCO IMPORTANTES, DISSE ELE, VALE A PENA PENSAR BEM. QUANTO ÀS GRANDES ESCOLHAS DA VIDA, VOCÊ TERÁ MENOS CHANCE DE ERRAR SE ESCOLHER POR IMPULSO

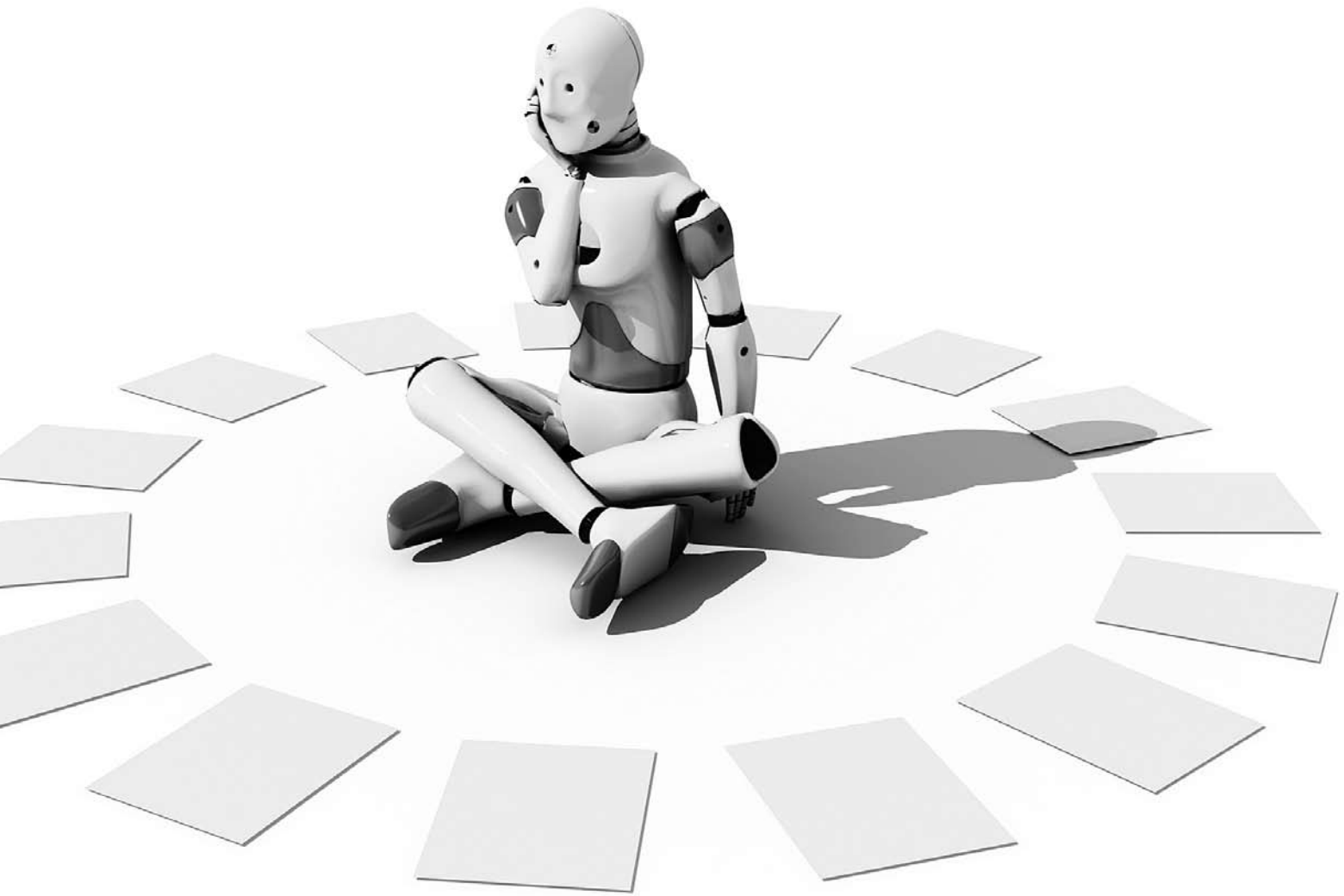
por Maria Rita Kelh

**A sugestão parece imprudente,** mas Freud tinha suas razões, todas elas bem pensadas, aliás. Ele sabia que as razões que mais pesam nas grandes escolhas da vida são inconscientes, e o impulso obedece a essas razões. Os neuróticos, que temem o inconsciente mais do que deveriam, tendem a temer também seus impulsos. Tanto hesitam, consideram e reconsideram suas vontades impulsivas que acabam por perder o impulso. Claro que Freud não se referia às vontades impulsivas proibidas, como a de matar um rival ou estuprar a mulher desejada. Falava das decisões que se toma de “cabeça fria”, mas que decidem o rumo de nossas vidas.

No caso das escolhas profissionais, as motivações inconscientes são decisivas. Elas determinam não só a escolha mais “acertada”, do ponto de vista da compatibilidade com a profissão, como são também responsáveis, pelo menos em parte, por aquilo que chamamos de talento. Isto se decide na infância, por mecanismos que chamamos de identificações. Toda criança que começa a desgrudar da primeira relação intensa com seus pais leva na bagagem de sua pequena independência alguns traços da personalidade deles. A identificação é este “resto de saudades” que acompanha cada separação amorosa; “já que não

posso ter essa pessoa por inteiro carrego um pouquinho dela dentro de mim”. Parece um processo de imitação, mas não é: os caminhos das identificações acompanham muito mais os desejos não realizados dos pais do que aqueles que eles seguiram na vida. Assim acontece que uma criança possa revelar grande interesse por uma profissão com que o avô sonhou, mas nunca exerceu. Ou um talento que a mãe não levou adiante ressurgir com toda a força em um dos filhos. Não são os genes que transmitem essas vocações – pelo menos, não só. É o “faro” da criança para detectar os objetos, explícitos ou recalçados, do desejo dos pais.

**IDEAIS E CARREIRAS.** Junto com as identificações formam-se os ideais. A escolha profissional tem muito a ver com o campo de ideais que a pessoa valoriza. Dificilmente alguém consegue se entregar profissionalmente a uma prática que não represente, pelo menos indiretamente, os valores em que ela acredita. Aqueles que tentam o argumento cínico de que o que vale é o dinheiro em geral carregam pelo resto da vida uma dívida consigo mesmos. O que não significa que o dinheiro, por si só, não seja o único ideal de muita gente.



Tudo isso tem a ver, é claro, com a almejada satisfação na vida profissional. Mas não vamos nos iludir. Satisfação no trabalho não significa necessariamente prazer em trabalhar. **O trabalho raramente é prazeroso; prova disso é que, com exceção dos fanáticos, grande parte das pessoas não trabalharia se não precisasse disso para viver.** A ideia de trabalho prazeroso me parece uma invenção dos patrões para nos fazer trabalhar mais e sentir culpa quando não gostamos disso. O

trabalho não é fonte de prazer: é fonte de sentido. Ele nos ajuda a dar sentido à vida. Só que o sentido da vida profissional não vem *prêt-à-porter*. Ele é o efeito, e não a premissa, dos anos de prática de uma profissão. Na vida contemporânea, em que se acredita em prazeres instantâneos, resultados imediatos e felicidade *delivery*, é bom lembrar que a construção de sentido requer tempo e persistência.

Por outro lado, quando uma escolha não faz sentido o sujeito percebe rapidinho. ✖